Ano XV — Lisboa, Junho de 1959 — N.º 170

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

DIA DE PORTUGAL

«AMAR E SERVIR A PÁTRIA»



Este tema não é novo nestas colunas. Podemos mesmo afirmar que constitui o ponto central de toda a acção desenvolvida por «Sempre Pronto» nestes quinze anos de publicação. E assim deve efectivamente ser, porque «Amar e servir a Deus e a Pátria» é o grande dever do Escoteiro, o primeiro princípio enunciado na Promessa, o ponto cardial de toda a acção do Movimento.

Está, portanto, perfeitamente justificado que neste Dia de Portugal voltemos a focar tão importante aspecto do ideal escoteiro, tanto mais que existem ideias confusas e conceitos errados acerca do seu alto significado.

Todos os grandes ideais, as mais lídimas virtudes, estão sujeitos ao perigo da hipocrisia. É fácil encontrar nas coisas religiosas, por exemplo, indivíduos que se apresentem com aspecto de profunda piedade, mesmo iluminados, cheios de fé, mas que na realidade são simples aparências que servem apenas para esconder interesses inconfessados e baixos sentimentos, origem de intolerância. Jesus Cristo classificou tais espíritos de «sepúlcros branqueados».

O Patriotismo, exactamente porque é também um alto ideal, presta-se igualmente ao culto da hipocrisia. E, tal como acontece na vida religiosa, esses mistificadores são aqueles que se apresentam com os mais exaltados sentimentos, expoentes máximos das virtudes nacionais, quando na realidade são movidos ùnicamente pela vaidade ou pela ambição. O povo sabe distinguir estes impostores classificando-os de *patrioteiros*, mas, infelizmente, a abundância desta espécie tem conduzido ao cepticismo, à descrença nas reais virtudes do patriotismo, sentimento essencial à felicidade e progresso social de todas as nações.

Os Escoteiros orgulham-se de ser patriotas e, sobretudo, de saber estabelecer a diferença entre patriotismo autêntico e a sua caricatura. Eles sabem que o amor da pátria se manifesta por um generoso devotamento a tudo aquilo que possa contribuir para o prestígio de Portugal, para a felicidade de todos os Portugueses, sem buscar a satisfação de interesses próprios.

O Escoteiro ama a pátria quando planta uma árvore, quando evita conspurcar as ruas das suas cidades e vilas, quando ensina o vizinho a ler, quando se esforça por estudar e se prepara para servir. No exercício da disciplina própria, na cortesia para com todos, no respeito para com superiores e subordinados, o escoteiro serve a pátria.

Serve a pátria o Guia que prepara os membros da patrulha para

(Conclui na página 2)

O Vício do Jogo

— Terrível ameaça para a Juventude de Portugal

O apelo que «Sempre Pronto» lançou no último número acerca dos prejuízos que as máquinas de jogo espalhadas pelos lugares públicos estão a causar, mereceu palavras de aplauso de muitos amigos nossos, que sentem como nós o perigo que essas ratoeiras constituem especialmente para a adolescência e juventude inexperiente.

Em 15 de Abril passado, na sessão mensal da Câmara Municipal de Lisboa, o vereador sr. Saphera Costa apontou os prejuízos causados pelas máquinas de jogo, a quem chamou «autênticas caça-moedas», citando dois desfalques recentes, de milhares de escudos, praticados por empregados que gastaram a maior parte do dinheiro em tais máquinas. Informou ainda ter sido resolvido que, por intermédio da comissão inter-sindical de que faz parte, os Sindicatos entreguem uma exposição sobre tão grave assunto ao Ministro do Interior, pedindo a imediata proibição de negócio tão pernicioso.

Apraz-nos verificar que o problema das máquinas de jogo está despertando a consciência do país e estamos convencidos de que as autoridades não deixarão de considerar as criteriosas exposições e apelos que estão sendo feitos sobre assunto tão grave.

Ateneu Comercial de Lisboa

Recebemos e agradecemos o bem elaborado Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal respeitantes à gerência de 1958. Por estes documentos pudemos comprovar a constante acção cultural, educativa e desportiva desta prestigiosa colectividade, bem como o desenvolvimento das suas diversas secções.

Verificámos ainda que as sucessivas direcções do Ateneu não perdem de vista as grandes aspirações da colectividade, tais como a piscina e o jornal. Sinceramente desejamos que elas possam ser transformadas em realidade e auguramos novos progressos ao simpático Ateneu Comercial de Lisboa.

II Jambori do Ar

O Jambori do Ar, realizado em Maio do ano passado, não teve grande êxito em virtude de diversas circunstâncias, tais como: Escassês de tempo para a sua organização, condições atmosféricas adversas, etc. Mostrou, no entanto, que a iniciativa era interessante e deveria ser repetida.

Este ano, a data da sua realização será fixada desde a meia noite de sexta-feira, dia 23 de Outubro, até à meia noite de domingo, dia 25 de Outubro GMT (TMG) e as estações de rádio operarão em qualquer banda da onda de amador e com o equipamento respeitante às normas de licença. Foi escolhida esta data, em virtude dos grupos de escoteiros se encontrarem nesta altura livres de preparativos para as actividades campistas.

O Clube Internacional Escoteiros de Londres, que tomou a iniciativa deste empreendimento, convidou a Repartição Internacional do Escotismo a assumir a direcção dos preparativos deste Jambori do Ar. Por esse motivo, constituiu-se em Otava uma Comissão para tratar deste assunto, junto daquela Repartição.

A Repartição Internacional operará de uma estação de Otava e oportunamente remeterá indicações acerca da mesma. Está também preparando um postal impresso (QSL), que será enviado a todas as unidades escoteiras que entrarem em contacto com a sua estação.

Os promotores do Jambori do Ar sugerem que se constituam comissões nacionais para promover em cada país a organização desta iniciativa, para o que poderão pedir a cooperação das associações de amadores de rádio, e estabelecerão contacto com as respectivas associações nacionais.

Seria de muito interesse que Portugal não deixasse de tomar parte nesta actividade. «Sempre Pronto» solicita a todos os Escoteiros que estejam em contacto com Rádio Amadores que lhe dêem informações acerca da possibilidade de constituir uma Comissão para este fim, para que junto dos Serviços Centrais da A. E. P. procuremos propor a nossa comparticipação no II Jambori do Ar.

Boas idéias valem bom dinheiro

Evitar acidentes em casa, na oficina, na escola e na rua ou na estrada, preocupa agora todos os Governos em toda a parte do mundo.

Na Grã-Bretanha fundou-se uma entidade que não procura lucros — British Safety Conteste Trust — que vai estabelecer um concurso de ideias para evitar acidentes.

O concurso estará aberto a toda a gente. A dona de casa que tenha uma boa ideia para evitar acidentes de cozinha, o estudante que se lembre da maneira de evitar desastres na escola, o cientista que descubra um processo mais seguro de trabalhar nas centrais de energia atómica ou o motorista que pense num meio de aumentar a segurança na estrada — todos eles têm direito a um prémio em boa moeda corrente.

O concurso começará por uma campanha intensiva no Outono e os prémios serão distribuídos para o fim do ano, naturalmente pelo Pai Natal.

Eis uma campanha interessante e de real valor educativo. Para além do objectivo imediato, leva o público a meditar num problema importante. Tal iniciativa bem poderia ser seguida no nosso país, onde os desastres abundam, especialmente nas estradas, quase sempre causados por negligência e leviandade, quando não inconsciência daqueles que os provocam.

Quem tomará a iniciativa de um concurso semelhante em Portugal?

"AMAR E SERVIR A PÁTRIA"

(*Conclusão da página 1*)

que trilhem a carreira escotista, forjando caracteres viris e almas sãs, porque como B.-P. afirmou: — *Uma nação deve o seu êxito menos à força dos seus armamentos do que à firmeza de carácter dos seus filhos*, verdade cada vez mais evidente em face dos sistemas usados para minar a estrutura moral dos povos que se pretendem dominar.

A formação de caracteres é o grande objectivo que orienta, afinal, o sentimento patriótico do Escoteiro. Por isso, no Dia de Portugal, ao recordarmos os feitos dos grandes Portugueses de antanho e as páginas gloriosas da nossa história, não nos devotamos a um estéril culto saudosista, mas procuramos sentido para o futuro, inspiração para nossas vidas; procuramos evidenciar autênticos caracteres que possam servir de paradigma para vincar a nossa personalidade escoteira, no esforço de melhor amar e servir a pátria.



Escoteiro-Chefe Joaquim Amâncio Salgueiro Jr.

No dia 16 de Maio passado, faleceu subitamente na sua casa da Amadora, com 72 anos de idade, o antigo dirigente escotista sr. Joaquim Amâncio Salgueiro Jr., farmacêutico, com estabelecimento naquela localidade.

O E. C. Salgueiro Jr. era um dos mais antigos membros dos Escoteiros de Portugal e desempenhou em diversos períodos os mais importantes cargos associativos.

Por volta de 1921, foi Tesoureiro da Zona de Lisboa e, em seguida, Tesoureiro Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal. Parece ter sido por sua iniciativa que nesta época a A. E. P. promoveu a primeira homenagem ao Soldado Desconhecido, encontrando-se na Batalha uma flor de lis em bronze ali depositada nessa ocasião.

Por volta de 1924, foi Comissário da Zona de Lisboa. Desenvolveu uma intensa actividade escoteira que imprimiu acentuado progresso ao Movimento. Foi principalmente nessa ocasião que escreveu música e letras de diversas canções escoteiras, a mais conhecida das quais é a "É Lá", constituída por um canto dos Lusíadas com introdução e fecho de natureza escotista.

Depois de 1942 e durante talvez 4 anos, desempenhou o cargo de Chefe Regional do Norte, onde promoveu uma actividade intensiva e organizou e dirigiu um concurso que despertou muito interesse e se intitulou "A Ordem do Colar de S. Jorge", insígnia imposta aos vencedores que passavam a ser cavaleiros desta Ordem.

Novamente em Lisboa, foi nomeado Escoteiro-Chefe-Geral, cargo que desempenhou durante pouco tempo, mantendo, no entanto, até ao presente o maior interesse pelo Movimento.

À família enlutada, particularmente a sua desolada esposa e filho, apresenta o "Sempre Pronto" sentidas condolências.

* * *

O seu funeral, realizou-se na tarde de Domingo, dia 17, para o Cemitério local, tendo-se incorporado uma deputação de escoteiros do Grupo 2, muitos antigos escoteiros, os srs. Albano Silva, da Direcção da A. E. P.; e os srs. Quintino Pinheiro, António F. Xavier de Brito e Ernesto Clímaco do Nascimento dos Corpos Gerentes da Fraternal, representando o último o Grupo 6 de Olhão e o Chefe Trigueiros.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

34.º Aniversário

O Grupo assinalou em 4 de Abril a passagem desta data, realizando uma reunião na sede, em que o facto foi devidamente evocado.

Ao aniversário não foi dada maior projecção por coincidir com o sarau anual de ginástica do Clube Náutico, prestante colectividade a que estão ligados vários escoteiros e dirigentes. De registar a presença no sarau do Delegado Regional sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, com alguns dirigentes do Grupo N.º 6, de Olhão, devidamente uniformizados. — *C.*



Poetas Populares

Era numa romaria nortenha, cheia de luz e de cor. Um rapaz garboso e uma linda rapariga cantavam ao desafio. Em torno, o povo aplaudia ora um, ora outro.

Quando o doutor Sertório chegou, acompanhado de um amigo, o Rafael, a rapariga estava a dominar a situação e o rapaz via-se em risco de perder o desafio...

—Já reparaste, Sertório, na facilidade com que a moça improvisa?

—Realmente, Rafael, estou pasmado. E olha que as quadras dela são quase perfeitas na matéria. Eu tenho estado a escutar com muita atenção e mais uma vez verifiquei como é grande a espontaneidade, a veia poética do nosso povo...

—Também me parece, Sertório. Confesso que estou vivamente surpreendido. E olha que o rapaz não tem a inspiração tão fácil...

Assim falando, os dois amigos encaminharam-se para um pitoresco restaurante ao ar livre. E enquanto esperava a vez de ser atendido, o doutor Sertório ia conversando com o amigo:

—Portugal é a terra dos poetas populares. Conheço a obra de dois, muito notáveis. Um foi Manuel Alves, o *poeta cavador*, que faleceu em 1903. Como a alcunha o demonstra, trabalhava a terra. Foi, também, ferreiro. Muito novo ainda, frequentava arraiais onde cantava ao desafio. Dotado de uma extraordinária veia poética, improvisava durante horas e horas seguidas.

—Manuel Alves? Nunca ouvi falar em tal poeta... exclamou Rafael.

—O Alves tinha enorme fama na região da Bairrada. Toda a gente caía nas feiras, festas ou romarias, onde fosse cantar, ao desafio, o Manuel Alves, o Alves de Olho de Boi, que assim se chamava a aldeia onde vivia. Mas ele era raro fazer quadras...

—Então, que compunha ele?

—Décimas, motes e glosas. Encostado ao seu cacete, improvisava, fumando, enquanto o povo o aplaudia. Os seus versos, umas vezes eram sentimentais, outras vezes cómicos, outras ainda satíricos. Um dia foi até ao Brasil, mas depressa regressou à Pátria, sabes porquê?

—Não posso imaginar. Certamente, saudades da terra, das feiras e das romarias...

—Acertaste. Manuel Alves, que tinha memória prodigiosa, aprendeu a ler aos trinta anos. Quando morreu, um seu admirador, Tomás da Fonseca, compilou as suas melhores décimas num livrinho, com um estudo sobre o *poeta cavador*.

—Pois muito me contas... — exclamou Rafael, entusiasmado.

—O outro poeta popular, nasceu, em 1821, em Setúbal. Era trigueiro, alto e estrábico e chamava-se António Maria Eusébio. Tinha por alcunha o *Calafate*. Não sabia ler nem escrever. Guerra Junqueiro disse dele estas palavras que nunca mais me esqueceram:

Por mais de meio século, ao ritmo do teu macete, que martelava no escopro, aparelhaste barcos e canções: barcos — levando esperanças e misérias; canções — levando lágrimas e risos. E que são barcos senão harmonias flutuantes? Uns, em águas cristalinas, deslizam como idílios; outros, como epopeias, sulcam voragens e tormentas.

Não sabendo ler, nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado cantador de Setúbal. Os grandes poetas são os grandes homens, e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela inocência, pelo juízo verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora a tua bondade, meu velho, exala-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso dum matagal incullo, que nasceu entre pedras.

—Que belas palavras, as de Junqueiro, meu caro Sertório...

—Dizes bem, é um poeta elogiando outro poeta. Pois o *Calafate* andava pelas ruas e vielas, improvisando sempre. Queres ouvir uma décima dele?

—Isso nem se pergunta, meu caro.

—Então ouve:

Nunca fui mal procedido
Nunca fiz mal a ninguém
Se acaso fiz algum bem
Não estou disso arrependido
Se mau pago tenho tido
São defeitos pessoais
Todos seremos iguais
No reino da eternidade
Na balança da igualdade
Deus sabe quem pesa mais.

—Muito bem! Era um tanto filósofo o tal poeta.

—Um escritor disse que a voz do *Calafate* parecia vir das ondas. Nos seus versos resumia-se toda a luta dos pescadores com o destino. Na sua poesia luzem diamantes do melhor quilate. Morreu, cego, em 1911, quase centenário, esse homem humilde que é uma das glórias da linda cidade de Setúbal.

Em frente do restaurante, os pares dançavam animadamente. Ouvia-se o barulho do «carroucel». Um campónio tentava subir ao poste ensebado. Da cozinha do restaurante evolava-se o cheiro perturbador das frituras. No coreto, uma filarmónica, regida por um maestro pançudo, atacava uma partitura alegre. Os foguetes estralejavam no espaço. O vinho crepitava nos canecos.

Então, o doutor Sertório, percorrendo, com o olhar, a paisagem que se desenrolava até longe e o pitoresco cenário, rico de cor, onde se desenhava a feira, sorridente, dispondo-se a atacar o leitão assado que aloirava a travessa, disse ao amigo:

—Olhe para essas raparigas, amigo... Repare nas suas linhas fenícias... Veja lá, Rafael, se com estas moças, as lindas moças da nossa terra, um português não há-de ser poeta...

MANUEL FERREIRA

DISCIPLINA

ALEXIS CARREL EM «LA CONDUCTA DE LA VIDA»

O instrumento que o homem deve tomar na reconstrução de si mesmo é a disciplina. Esta obtém das mais recônditas profundidades do nosso ser insuspeitadas reservas de energias: é essencial para o funcionamento harmonioso do homem. Ao aplicar constantemente a disciplina na realização de duras tarefas ou em vencer a nossa apatia, produzimos força de alta voltagem. Um empenho que nunca afrouxa e anos de disciplina em assuntos importantes ou simples podem modificar o procedimento do homem. Exigir de nós mesmos quotas de determinada qualidade nos nossos actos, observar estritas regras de tolerância e consideração nas relações humanas, restringir os nossos apetites de preguiça e indolência, na comida, o álcool, o tabaco; tudo isso constitui inapreciável disciplina e sólidas normas do carácter e da vontade. O homem que se venceu a si mesmo exercitando a sua vontade, que tem sido sistemàticamente ascético ou heróico em assuntos de pouca importância, descobrirá firme apoio interior quando soprem os vendavais da adversidade.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Irmão-Escoteiro:

Tive hoje a agradável oportunidade de te observar enquanto subias uma das mais concorridas ruas de Lisboa. Venho felicitar-te pelo aprumo com que seguias e pela apresentação impecável do teu uniforme. O chapéu quase direito na cabeça, apenas levemente inclinado; o lenço muito limpo e bem dobrado, o cordão de apito realmente branco e os sapatos limpos.

Fiquei satisfeito. Sobretudo, gostei da forma correcta como atendeste aquela senhora que te pediu a informação. Foste cortês e atencioso. Fizeste bem em voltar atrás a explicar onde ficava a loja que ela procurava.

Não fui só eu que apreciei o teu comportamento. Um Antigo Escoteiro estava no passeio fronteiro olhando-te com visível satisfação. Há muitos Antigos Escoteiros! E não imaginas quanto eles sofrem quando encontram uns escoteiros mal uniformizados, caminhando aos safanões, curvados, mãos nos bolsos, dando pontapés nas pedras e encontrões em quem passa. Outros imaginam que os carros e os comboios são privativos e, por isso, gritam, fazem barulho e incomodam toda a gente.

Mas tu ias impecável. Todos te olharam com simpatia. Continua a proceder assim e conta com a estima do teu amigo dedicado.

LOBO VELHO

Vamos Aprender um Jogo

AGULHA

NÚMERO DE JOGADORES: 10 a 40 (Equipas de 4, 5 ou 6).

TERRENO: Pelo menos 50 metros de comprimento.

MATERIAL: Uma vara por equipa.

As equipas formam, cada uma, em fila indiana, alinhadas sobre a linha de partida.

O primeiro jogador de cada fila recebe uma vara. Ao sinal, deve correr até uma meta colocada a 50 metros, dar a volta, tornando logo à sua equipa. Assim que ele atinge a sua equipa, o segundo jogador junta-se a ele segurando igualmente a vara. Correm lado a lado até ao fim, voltam ao terceiro que da mesma forma os acompanha e assim seguidamente até que toda a equipa tenha corrido até à meta e voltado ao ponto de partida sempre segurando a vara (agulha).

Durante toda a corrida, a vara deve ser mantida perfeitamente horizontal e paralela a uma direcção dada pelo Chefe: «norte-sul», por exemplo. É aqui justamente que reside a principal dificuldade do jogo, especialmente quanto maior for o número de jogadores que segure na vara ao mesmo tempo.

Os jogadores mais treinados são colocados à cabeça das filas.

Ganha a equipa que cumprindo as regras do jogo execute a corrida em menos tempo.

Vais Acampar?

Toma nota:

No local do teu acampamento só deve ficar um único sinal da tua presença ali — o agradecimento ao proprietário do campo pela cedência do terreno e autorização para o acampamento.

•

Vens de Acampar?

Não deixes a tua tenda embrulhada ou enrolada na sede. Estende-a a secar ou a arejar.

Pendura a secar os sacos e os alguidares de lona.

Volta amanhã à tua sede a limpar e conservar em bom estado todo o material. Só depois o arrumarás no armário da tua patrulha.

Insígnias de Aptidão

LINGUISTA

Insígnia: *Duas mãos apertadas.*

Prestar as seguintes provas em qualquer outra linguagem que não seja a sua própria:

1) Manter uma conversação simples por três minutos.
2) Escrever uma carta simples de pelo menos 100 palavras.
3) Traduzir sem pressa e com o auxílio de um dicionário um trecho fácil de um livro ou jornal. (Pode ser usada literatura escotista).

INTÉRPRETE

(Para maiores de quinze anos)

Prestar as seguintes provas em qualquer outra linguagem que não seja a sua própria:

1) Manter uma conversação simples durante cerca de dez minutos, introduzindo algumas palavras básicas do vocabulário escoteiro, como, por exemplo, Escoteiro, patrulha, acampamento, tenda.
2) Escrever uma carta de cerca de 300 palavras tratando de um assunto escoteiro simples escolhido pelo Examinador.
3) Ler alto inteligìvelmente e dar uma tradução aproximada (sem auxílio do dicionário) de um parágrafo de dificuldade média de um livro ou jornal.

Nota: — *O Linguista ou Intérprete usará uma insígnia na camisa acima do bolso direito, indicando a língua ou línguas que fala.*

• o •

Passou-se há muitos anos...

Uma Impossibilidade Impossível!

Quatro escoteiros foram uma vez a um país estrangeiro para tomar parte num acampamento internacional, tendo no precurso ficado uma noite hospedados num hotel de uma grande cidade, onde chegaram a altas horas da noite.

Antes de se deitar, um dos rapazes careceu de satisfazer determinada necessidade para o que procurou no corredor uma divisão indicada para o caso. Empurrou portas, espreitou letreiros, mas nada de encontrar o que precisava. Desanimado, voltou ao quarto a contar aos seus companheiros a atrapalhação. Estes aconselharam-no a que se dirigisse ao porteiro e lhe perguntasse onde ficava a tal divisão.

Como este não conhecia bem a língua do país, ensinaram-lhe a perguntar pela «sala de banho». Já bastante apertado, desceu a escada e correu ao porteiro a repetir a pergunta que lhe tinham ensinado. Não sabendo entrar em pormenores, o funcionário compreendeu que o hóspede, a tão altas horas, queria tomar banho e disse-lhe «que não podia ser».

O nosso escoteiro, aflitíssimo, voltou ao quarto. Os companheiros viram-no entrar muito enfiado, amarelo, perguntaram-lhe: — Então que há?

Resposta do nosso herói: — Ele disse que não pode ser!...

• • o • •

Quando um dia perguntaram a B.-P. que cargo escolheria no Escotismo se não fosse Escoteiro-Chefe-Mundial, respondeu: «Se me permitissem escolher um posto no Movimento escolheria o de Guia de Patrulha». Isto quer dizer que o Chefe estimava que o papel mais formoso é o de Guia de Patrulha porque é sinónimo de domínio de si e de abnegação.



«O GUIDISMO — SUAS ACTIVIDADES»

Tese apresentada pela Guia-Chefe Júlia Gomes Pena Ribeiro à III Reunião Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos realizada de 25 a 30 de Março de 1958.

Embora o trabalho que me foi distribuído indique uma tese sobre «O Guidismo — Suas Actividades», peço que me dispenseis de vos apresentar uma tese e aceiteis antes um modesto trabalho baseado na minha própria experiência como Chefe de uma Companhia de Guias, sugerindo apenas algumas actividades que poderão constituir um programa de uma Companhia.

Como sabeis, o Escotismo foi criado por Baden-Powell com intenção dos rapazes. Foi especialmente para os adolescentes que ele imaginou o Escotismo. Mas, depois, começaram a aparecer os irmãos mais novos dos escoteiros a querer participar nas actividades... Baden-Powell apercebeu-se imediatamente dos inconvenientes que poderiam advir da participação de crianças numa actividade que tinha sido concebida para rapazes de mais idade, procurando corresponder às suas necessidades e emoções. Para evitar tais inconvenientes, o Fundador procurou logo criar um outro movimento para as crianças na idade infantil e assim surgiu o Lobitismo, com actividades e métodos de trabalho próprios para as características infantis.

O Escotismo, porém, desenvolvia-se de forma surpreendente. A certa altura, as meninas sentiram-se também entusiasmadas pelo Movimento. Aqui e além, começaram a surgir as irmãs dos escoteiros a participar nas actividades. Novamente B. P. se apercebeu de que o Escotismo, criado para os rapazes, não se prestava a actividades de meninas, embora, tivesse muito de útil para a educação destas. E a realidade era que as meninas aí estavam surgindo no Movimento, participando em actividades, aparecendo mesmo uniformizadas. Como B. P. não queria ser acusado de tentar masculinizar as raparigas, tratou imediatamente de adaptar o Escotismo de forma a atender às características femininas.

Então, encarregou sua irmã Agnes de organizar o movimemto feminino, que intitulou de «Girl Guides» (Raparigas Guias), o que foi feito em 1911. Baden-Powell escolheu este nome para o ramo feminino, recordando-se dos Guias que nas altas montanhas têm a missão de conduzir os turistas, apontando o caminho a seguir e protegendo os excursionistas inexperientes. Achou B. P. que esta era a mais honrosa missão da Guia, dizendo: «O maior interesse da sua vida é de se encontrar face a face com as perigosas dificuldades, vencê-las, e, por fim, atingir o cume da montanha que desejam conquistar». E noutro passo: «Elas também ambicionam transpor os obstáculos da sua vida, aspiram a enfrentar as montanhas, os aborrecimentos, os perigos, e, para os vencer, preparam-se para serem fortes e corajosas; e também esperam ajudar as outras nos momentos difíceis. Enquanto não atingem os seus objectivos não se sentem felizes e triunfantes. É uma grande satisfação para elas terem êxito nas suas iniciativas e poderem ajudar as outras a conduzir a bom fim os seus empreendimentos. Eis aqui o que as Guias desejam realizar e, por isso, elas são semelhantes aos guias da montanha».

Apesar do entusiasmo que as raparigas dedicaram ao Movimento, a sua organização não teve logo de início completo êxito. Foi só depois do casamento de Baden-Powell com Miss Olave Soames, em 1912, que a organização das Guias começou a entrar num período de franco progresso. Sua Esposa tomou, então, a seu cargo a chefia das guias e ainda hoje, com uma dedicação notável, ela desempenha numa acção constante o cargo de Chefe Mundial, em que foi investida em 1918. Em 1917, Baden-Powell terminou a sua obra de criação do Guidismo, escrevendo o «Livro das Guias», onde estão desenvolvidas as ideias e as sugestões para as actividades do novo ramo do escotismo.

* * *

O Guidismo surgiu em Portugal em Março de 1916, tendo-se fundado um Grupo que foi chefiado pela sr.ª D. Maria Luísa de Guimarães, que foi filiado na Associação dos Escoteiros de Portugal. Mais tarde, foi fundada a Associação das Guias de Portugal, que em 1933 se encontrava em actividade, parecendo que teria sido fundada pouco tempo antes. Suspendeu a actividade por ocasião da fundação da Mocidade Portuguesa Feminina, talvez em 1937.

(Continua na página 6)

Comemorações das Bodas de Prata do Grupo n.º 94 — Ajuda

Passando no dia 8 de Julho próximo, o 25.º aniversário da fundação deste Grupo de Escoteiros, que tem mantido uma actividade ininterrupta no Bairro da Ajuda, estão sendo promovidas diversas celebrações, das quais destacamos as seguintes:

Junho — Dia 9 — Palestra sobre «**Meios pedagógicos de formação da adolescência**» — «Evolução social, escotismo e família», pelo Sr. Prof. Aníbal Gonçalves Ramos.

Exibição de filmes gentilmente cedidos pelo Instituto Britânico em Portugal.

Esta sessão realiza-se no salão da Sociedade Cooperativa Aliança Operária, na Rua das Mercês, 112, na Ajuda, e terá início às 21.30 horas.

A entrada é por convites, que devem ser solicitados pelos interessados.

ANTIGOS ESCOTEIROS DO GRUPO N.º 94

Junho — Dia 8 — Às 21.30 h. — **Noite do Antigo Escoteiro do Grupo n.º 94,** organização da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, na sua sede, Rua de S. Paulo n.º 254 - 1.º

Dia 21 — Às 13 horas — Almoço de confraternização.

Dias 27/28 — Acampamento de actuais e antigos escoteiros, na Charneca da Caparica, onde será realizado um Grande "Fogo de Conselho».

SESSÃO SOLENE

No dia 12 de Julho p. f.º, pelas 15 horas, realizar-se-á no Salão da Sociedade Cooperativa Aliança Operária, Rua das Mercês, 112, na Ajuda, gentilmente cedido, uma Sessão Solene comemorativa do 25.º aniversário, cujo programa pormenorizado será distribuído em devido tempo.

CULTO DE ACÇÃO DE GRAÇAS

No Domingo, dia 5 de Julho, às 11 horas, no Templo da Igreja Evangélica Presbiteriana da Ajuda, na Calçada da Ajuda, n.º 207, haverá um Culto de Acção de Graças.

OUTRAS ACTIVIDADES

Julho — Dia 8 — Noite de Confraternização dos actuais elementos do Grupo n.º 94, na sua Sede.

Dias 16 e 18 — Provas de encerramento do Concurso **"Bodas de Prata do Grupo n.º 94"**, entre os escoteiros dos Grupos n.ºs 8 e 94.

Dias 20 a 25 — Exposição Escotista (Filatelia, Imprensa, Bibliografia, Trabalhos Manuais e outras colecções), na sede, Trav. Vitorino de Freitas, n.º 9 (à Calçada da Ajuda).

Esta exposição será inaugurada no dia 20, às 22 horas, e estará patente até ao dia 25, das 21.30 às 23 horas.

Dia 30 — Às 22 horas — Grande **"Fogo de Conselho"**, dedicado às Famílias dos Escoteiros e Amigos do Grupo.

Agosto — Dias 1 e 2 — Acampamento comemorativo do 25.º aniversário, onde se efectuará o encerramento das comemorações durante a "Festa de Campo".

Este número foi visado pela Comissão de Censura

DESPROPÓSITO...

Temos já referido nestas colunas que o «Diário do Minho» tem inserido nas suas páginas uma polémica acerca da ortografia da palavra ESCOTEIRO, que o sr. Constantino Coelho entende que deve ser escrita com «O», critério a que se opõe o sr. dr. José Luís Ferreira, que parece ter sido um dos iniciadores do Corpo Nacional de Scouts, que mais tarde mudou a sua denominação para Corpo Nacional de Escutas. Em 8 de Julho de 1958, o sr. Coelho escreveu naquele diário sobre o assunto e, em reforço da sua opinião, citava o caso de existir a Associação dos Escoteiros de Portugal, que usava a sua designação com «O». Parece que este assunto se deveria resumir a uma simples questão ortográfica, de interesse muito limitado, que se discutiria em termos de simpatia. No entanto, o tal sr. dr. Ferreira parece irritar-se com as afirmações do sr. Constantino Coelho e é azedo nas suas contestações. Em 22 de Abril passado (quase um ano depois!), veio dar resposta à argumentação do sr. Coelho. Irritado por este senhor ter argumentado com a Associação dos Escoteiros de Portugal, a despropósito de uma questão ortográfica, envereda pelo insulto e sem qualquer cerimónia afirma desabridamente: «Não concordamos que seja ESCUTISMO o da «Associação dos Escoteiros de Portugal» (assim é que se lhe chama).

«Esta associação não é ESCUTEIRA nem adopta verdadeiro ESCUTISMO, nem os seus associados são ESCUTAS, porque é AGNÓSTICA, «inconfessional». Já Garrett escreveu há mais de um século, que «A religião é o princípio e o complemento do ensino».

«O ESCUTISMO é ensino, e uma excelente escola de juventude; mas não é «inconfessional», tem uma religião.

«Só em 1908 se fundou o escutismo do General Sir Baden-Powell (dez anos depois da guerra de Transwal e do Orange); e o ESCOTE ou ESCOTISMO do Dicionário de Morais não deu nem podia dar a significação do ESCUTISMO de há 51 anos; e os ESCOTEIROS DE PORTUGAL também não no traduziram, porque o DETURPARAM ou ADULTERARAM. Não há verdadeiro escutismo que seja «inconfessional», porque o escutismo de B. P. tem de adoptar UMA RELIGIÃO, qualquer que ele seja: católica, protestante das diferentes seitas, maometana, hebraica, budista, etc. etc.

«OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL não são pois ESCUTAS, não representam ESCUTISMO. (Serão do ESCOTE, ou lá do que quiserem; mas nunca ESCUTEIROS).

«Sr. C. C., aqui não há IGNORATIO ELENCHI; cá o Zé sabe o que diz. (...)»

Pois se o «Zé sabe o que diz», não parece. E se sabe o que diz, pior, porque falta conscientemente à verdade. Por nossa parte, parece-nos não devermos perder tempo a esclarecer quem tão sabedor *se mostra. Sòmente, nos parece conveniente recomendar ao sr. dr. José Luís Ferreira que deixe de escrever a palavra escoteiro com O ou com U. Deve riscar tal termo do seu vocabulário. Porque afinal o importante não é a forma como se escreve essa palavra, mas o seu significado, o ideal de vida que ele representa. E é isso que nos parece ser ignorado pelo sr. dr. Ferreira. Se assim não fosse, não faltaria à verdade com tanta facilidade e não insultaria os seus irmãos escoteiros de qualquer outra associação.*

De facto, não somos ESCUTAS. Confessamos mesmo que nos desagrada o termo, apesar de ter-

(Conclui na página 8)

«O GUIDISMO — SUAS ACTIVIDADES»

(Continuação da página 5)

Em 1953, começaram a surgir de novo as Guias de Portugal. Em 3 de Maio de 1953 fundou-se a Companhia de Guias «Rainha D. Leonor», trabalho que teve o reconhecimento da representante em Portugal da Repartição Mundial de Guidismo. Em 1954, iniciaram-se os trabalhos para a reorganização da antiga Associação das Guias de Portugal. Elementos do Corpo Nacional de Escutas interessaram-se pelo assunto, pelo que em 1956 se realiza o primeiro Conselho Nacional das Guias de Portugal, que têm como sua Comissária Nacional a senhora Condessa de Estarreja, e procuram de novo iniciar o desenvolvimento e progresso da Associação, o que vêm realizando com êxito. Justo é informar que durante os anos de inactividade do Guidismo em Portugal, no Funchal sempre existiu em actividade, com menor ou maior desenvolvimento, uma Companhia de Guias.

Perdõem-me este rápido esboço histórico sobre o Guidismo em Portugal, pelo qual se verifica que se não trata de um Movimento novo, embora não tenha tido, até agora, grande desenvolvimento entre nós. E é lamentável que tenha assim sucedido, porquanto o Guidismo é, sem dúvida, uma excelente oportunidade para a rapariga portuguesa. Sendo o nosso meio ainda bastante eivado de preconceitos, as meninas têm uma vida bastante recatada, não lhes sendo proporcionadas demasiadas oportunidades para aplicarem as suas capacidades, nem suficiente liberdade para se entregarem a actividades desportivas, à vida ao ar livre, sujeitas quase permanentemente à vida doméstica ou, então, tendo como única actividade fora do lar a vida escolar ou a profissional, o Guidismo oferece-lhe uma autêntica oportunidade de evasão para um ambiente salutar, abre-lhes uma porta para aplicarem as suas aptidões e exercerem uma actividade interessante que poderá abranger práticas desportivas, culturais, de carácter social e mesmo espiritual.

Porém, para que esta actividade seja possível e as famílias possam dar o seu consentimento a esta evasão, permitindo o que, de certa maneira, é uma inovação no meio educacional português, é indispensável que as Companhias possuam uma Direcção constituída por senhoras do maior prestígio, que patrocinem a unidade e procurem estar presentes sempre que a Companhia tenha alguma actividade de maior relevo, dando assim autoridade à acção da Chefe, e que esta seja igualmente uma senhora, que pode ser jovem, mas que pelo seu procedimento e prestígio pessoal inspire inteira confiança aos Pais. Só assim estes poderão permitir que suas filhas participem nas actividades das Guias.

(Continua no próximo número)



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 5

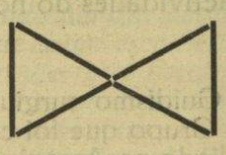
«Um Negócio Complicado»

Um negociante comprou ovos no valor de 105$00. Os ovos inteiros custaram a 7$20 a dúzia e os estalados a 5$50. A um freguês vendeu 1/2 dos estalados e 2/5 dos inteiros por 46$80. Ganhou nesta tranzação 1$50. Quantos ovos inteiros e estalados vendeu ao freguês?

ANTÓNIO AMÊNDOA

Solução do Problema n.º 4

Os lados não paralelos cruzam-se, constituindo pràticamente dois triângulos com o vértice comum. Uma tal figura é um trapezoide ou um trapézio côncavo.



Mandaram-nos a solução certa os concorrentes srs. António Amêndoa, de Lisboa; João M. C. Pinto dos Reis, de Gaia; José Alberto Figueira, de Faro; e José Manuel de J. Fernandes, de Vila Real de Santo António, que conquistaram os 5 pontos regulamentares.

Pela primeira vez em Portugal:

Manual de Provas de 1.ª classe

«MAIS ALÉM»

- Natação
- Higiene
- Morse
- Orientação
- Nós e Ligações
- Cozinha
- Corpo Humano
- Acidentes
- Avaliação de Distâncias
- Meteorologia
- Topografia e Leitura de Cartas
- Conhecimento da Natureza
- Etc., etc.

Com a colaboração de Prof. Aníbal Ramos, António M. Calhau, Armando Garcia Inácio, Eduardo Barbeiro, Eduardo Ribeiro, Eng.º José Maria Nobre Santos, Joel Ribeiro, Júlia Gomes Lena Ribeiro, Dr. Leopoldo de Figueiredo, Dr.ª Lídia de Medeiros e Manuel Tacão Monteiro.

O LIVRO QUE FAZIA FALTA!

172 páginas Muito ilustrado

ESC. 12$50

À VENDA

no Serviço de Material e Uniformes da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

e na Redacção do

«SEMPRE PRONTO»

Pedidos pelo correio ou pelo Telef. 636607

SERVIÇOS CENTRAIS

O senhor Eng.º José Maria Nobre Santos foi nomeado Delegado dos Serviços Centrais junto da Região Centro, competindo-lhe as funções que normalmente cabem ao Chefe Regional, coordenando e fiscalizando as actividades dos grupos e promovendo actividades regionais de conjunto como sejam visitas de estudo, exposições, concursos, bivaques, acampamentos e festas.

Está também encarregado de analisar as divergências que surgirem entre os grupos, escoteiros ou dirigentes da Região e levá-las ao conhecimento da Direcção, quando as não puder resolver.

O Delegado dos Serviços Centrais escolheu para seus adjuntos os senhores António Mira Calhau e Prof. Pedro Painho.

«Sempre Pronto» cumprimenta os novos dirigentes regionais, desejando-lhes os maiores êxitos para a actividade que certamente vão empreender, e de que a Região Centro tanto carece.

Por força destas nomeações, foram demitidos de Delegado dos Serviços Centrais para a Região Centro e de Chefe do Núcleo de Lisboa, os senhores Luís Grau Tovar de Lemos e Prof. Pedro Painho, respectivamente.

Os nossos dirigentes tomaram posse no dia 29 último, não podendo o «Sempre Pronto» dar qualquer relato do acontecimento em virtude dos Serviços Centrais se terem esquecido de nos enviar convite.

TERTÚLIA DE DIRIGENTES

SENIORES

Ao terminar a II Guerra Mundial, o Escotismo de determinados países, que tinham intervido directa e intensamente na terrível conflagração, encontrou-se ante um sério problema: Comprovar que o seu sistema de provas, as suas insígnias de especialidade e os seus jogos, não captavam o interesse daqueles Escoteiros compreendidos entre os 15 e 17 anos, que por sua idade não actuaram pessoalmente nas operações guerreiras, mas em troca tinham prestado serviços auxiliares ou na defesa civil, como vigias, sinaleiros, mensageiros, etc.

A estes rapazes já não seduzia brincar a uma coisa que tinham vivido «de verdade».

Tornava-se necessário planear algo para proporcionar um objectivo novo a ditos rapazes, e da mesma forma que em tempos se ideara o Lobitismo para acolher aos menores de 11 anos, e se organizara o Caminheirismo para acabar de forjar aos jovens de mais de 18 anos, agora, o Escotismo se dividia em duas etapas, e na Inglaterra constituiu-se uma nova Divisão, a divisão Senior, para oferecer aos Escoteiros maiores de 15 anos um novo programa com aliciantes suficientes para manter o seu interesse até à sua chegada às portas do Caminheirismo.

Depois dos necessários estudos e experiências, os ingleses constituíram definitivamente a Divisão Senior — cuja cor distintiva é o castanho — em 1946.

Em França, e em acção paralela, criaram-se os «Raiders Scouts», patrulhas dinâmicas, de selecção, com a mesma ideia de oferecer um objectivo apaixonante aos Escoteiros, a quem o programa tradicional de adestramento não atrai por lhes ficar acanhado.

A divisão Senior, ainda que não se tenha estendido a todo o mundo, existe já em muitos países e creio que a sua adopção é uma necessidade e um acerto. Ainda mesmo sem ter vivido uma guerra as, consequências dela chegaram a todas as partes, e o carácter do rapaz, influenciado por isso e por um sem número de outros factores mais — cinema, rádio, televisão, técnica, comunicações, literatura turbulenta — evolucionou enormemente.

Verifica-se isto de maneira particular, ainda que talvez menos visível, nos países latinos, sempre de carácter mais desperto, mais vanguardista, menos ingénuo que o resto das comunidades humanas. O mundo actual é luta e nós vivemos nesse mundo.

Não merece a pena fechar os olhos à realidade. O Escotismo é um Movimento e isto significa que não pode permanecer estático. Os métodos de 1930, que eram bons, não servem para 1959. E os chefes devem compreender bem isto e preocupar-se por progredir ao compasso dos tempos, buscando novos caminhos para conduzir os seus garotos para um ideal que permanece inalterável.

A nova divisão, já velha de uma dezena de anos, corresponde a esse conceito progressivo.

Não sei se Portugal adoptou abertamente aos Seniores. Mas se não o fez ainda, ou segue esse caminho com timidez, merece a pena que estude a fundo o assunto.

Nós, ainda dentro das circunstâncias especiais em que nos movemos, temos encontrado na divisão castanha a solução a um sem fim de problemas que nos criavam esses rapazes mais velhos, que parecem uns inadaptados e que não o são. Nós designamo-los com o nome de «ESCUTAS», velha palavra castelhana que qualificava aos homens que constituíam as vanguardas das nossas tropas de conquistadores e exploradores na época do Descobrimento.

Seniores, «Raiders», Escoteiros Maiores, Exploradores, Escutas... o de menos importância é o nome. O interessante é que a estruturação desta nova divisão põe nas nossas mãos novos instrumentos de trabalho na forja de uma juventude melhor, ao serviço de Deus, da sua Pátria e dos seus semelhantes.

Madrid, Fevereiro de 1959.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

COMEMORAÇÕES DO DIA DO ESCOTEIRO

Grupo n.º 12 — OEIRAS

Por não ter sido possível realizar no dia 23 de Abril, esta unidade escoteira, anexa à Obra Social da Fundição de Oeiras, comemorou o Dia de S. Jorge no dia 25 com uma pequena festa na sede, abrilhantada por um concerto da Banda da mesma instituição. O sr. engenheiro Gonçalves Rosa fez uma palestra alusiva à lenda de S. Jorge; prestaram compromisso de honra quatro novos escoteiros e foi projectado o filme «O Despertar do Mundo». A festa terminou com um lanche servido a todos os escoteiros presentes.

De 25 para 26, o Grupo acampou na Mata do Lazareto em conjunto com delegações dos grupos 1, 5 e 85.

Grupo n.º 8 — LISBOA

Na noite do Dia do Escoteiro, este grupo realizou na sua sede, na rua Febo Moniz, uma sessão integrada nas comemorações do dia de S. Jorge, na qual falou o Escoteiro-Chefe sr. Idílio Gonçalves e o sr. Eduardo Ribeiro, Director do «Sempre Pronto» fez uma breve palestra evocativa dos ideais escoteiros. A sessão foi presidida pelo Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos. Em complemento, foram exibidos alguns filmes escoteiros e culturais cedidos pelos serviços do Instituto Britânico.

Grupo n.º 94 — AJUDA (Lisboa)

Na mesma noite, este grupo realizou uma sessão escoteira, na qual o sr. Joel Ribeiro dissertou sobre o significado do Dia de S. Jorge para os Escoteiros e lembrou os ideais expressos na Promessa, que os escoteiros ratificaram. Prestaram compromisso de honra os novos escoteiros António José Dias Chaves e Carlos Alberto Craveiro Esteves, que transitaram da Divisão Lobito, e José Rui de Carvalho. A festa terminou com um chá de confraternização.

Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Este Grupo comemorou com reunião geral na sede, em 23 de Abril, o dia de S. Jorge, patrono do Escotismo.

Após ter sido evocada, segundo a história e a lenda, a figura do taumaturgo, efectuou-se a distribuição dos prémios do «Concurso Anual de S. Jorge» aos componentes do Grupo que mais se distinguiram por actos de altruísmo durante o ano, correspondendo ao primeiro, uma faca de mato com bainha de couro, ao guia da Patrulha «Águia» Alfredo Guerreiro, o segundo, um apito com bússola, ao subguia da «Lobo», António Carlos Ramires da Cruz, e os terceiros, blocos de apontamentos e emblemas associativos, aos escoteiros José Augusto Nascimento e Manuel Neto Gomes.

A finalizar a reunião foi entregue à Patrulha «Lobo», que, seguida da «Poupa», venceu definitivamente o concurso trimestral «Troféu do Jamboree», o troféu trazido de Inglaterra pelo guia Manuel Godinho, tendo o chefe do Grupo enunciado as bases do concurso trimestral que ia seguir-se.

Uma sentença iníqua

Segundo lemos na «Vida Mundial», o professor checoslovaco Milos Blazek foi condenado em 54 meses de prisão por ter ilegalmente reorganizado o escotismo entre os seus alunos. O tribunal acusou-o também de ter divulgado ideias reaccionárias e religiosas entre a juventude checoslovaca.

É inacreditável que os sãos ideais escotistas possam ser considerados, seja em que país ou regime for, como doutrina subversiva. É o cúmulo da intolerância condenar um professor a 4 ½ anos de prisão, simplesmente por usar um processo educativo capaz de forjar caracteres viris e homens de ideal.

DESPROPÓSITO...

(Conclusão da página 6)

mos a maior simpatia por muitos que o usam. ESCUTA sugere-nos um sentido pejorativo, o que não impede que muitos ESCUTAS sejam excelentes ESCOTEIROS. Mas aquele que queira ser Escoteiro, terá de ser leal, verdadeiro, tolerante, irmão de todos os outros escoteiros. A todos estes princípios falta o sr. dr. Luís Ferreira nas erradas afirmações que faz. Por isso, o aconselhamos a que se desinteresse da questão ortográfica, de tão pouco interesse, e procure antes apreender o significado do termo.

É BOM SABER...

Aquecedor a petróleo acendendo sem fósforos

Basta premir um botão para que este novo calorífero de fabrico britânico comece a funcionar. O botão tem um dispositivo de segurança que evita o perigo de se levantar labareda, se existir qualquer acumulação de petróleo no local da centelha.

O aquecedor, com um poder calorífico equivalente a 2 1/2 quilovátios, funciona 25 horas sem necessidade de reabastecimento. A ignição é produzida por meio de uma pequena bateria e o botão evita a maçada de se abrir a tampa e de ter de riscar um fósforo.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

LUMIAR

A MAIS DURADOURA